

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE  
na  
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte..... 1\$000  
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS  
começam  
no 1.º de cada mez

## A DESFORRA DE UM DEFUNTO

VIII

Os espectadores achavam-se ainda sob a impressão do combate.

Quanto ao provocador, ao vencido, não se cansava de tecer elogios. Elevar o seu adversário era um meio de diminuir a derrota, e não receiou elle afirmar que Gontran era a melhor lâmina de Pariz.

Quando este ultimo sahia da sala em companhia do conde, Finard tomou-lhe familiarmente o braço e levou-o para o lado.

— O senhor acaba de chegar a Pariz, disse-lhe em tom caloroso, e não pôde, portanto, ter compromissos para esta noite.

— Nenhum, com efeito, respondeu Gontran surpreendido.

— Nesse caso, tenho um favor que lhe pedir.

— De que se trata?

— De dar-me a honra de aceitar esta noite um lugar no meu camarote, nos *italianos*...

— Estou realmente confundido...

— Aceita? Ainda bem... Demais, é uma solemnidade. A Grisi canta; Pariz inteira lá estará, e é uma das raras ocasiões que o senhor terá de ver uma mulher por quem estamos todos apaixonados.

— Que mulher?

— Eu lhe direi depois...

— Mas...

— Bem! Imagine uma criança de dezesseis anos apenas, formosa como um sonho... que foge da sociedade, que não se encontra em parte alguma, que vive isolada junto de sua mãe, a quem afflige assim...

— Não obstante, vai aos *Italianos*!...

— Quando a Grisi canta.

— E vel-a-hemos esta noite?

— Pôde ter essa certeza.

— Então, estou informado já, e só me resta conhecer o nome dessa menina.

— Pois não lh'o disse já?

— Não. Chama-se...?

— Julieta d'Orvado.  
Gontran estremeceu.

Desde alguns dias antes, aquelle nome se apresentava a todos os momentos na sua vida como um enigma, e todas as vezes que lhe soava aos ouvidos communicava-lhe um sentimento de perturbação mesclada de curiosidade.

Offerecia-se-lhe occasião de ver afinal essa mulher misteriosa que se reflectia em uma filha não menos singular, e se comprehende que elle não a deixaria escapar.

A' noite, pois, por cerca das oito e meia, tomava elle lugar no camarote de Finard, com quem, além disso, havia jantado.

A sala estava resplandecente.

— A condessa já chegou? perguntou Gontran, depois de haver assestado o binocolo para todos os camarotes que ficavam fronteiros.

— Ainda não, respondeu Finard; não pôde, porém, demorar-se, pois eis que o panno se levanta, e ella não faltará á entrada da Grisi.

Acabava elle de pronunciar estas palavras, quando se abriu uma porta com discreto ruido e o vulto de duas senhoras destacou-se na penumbra do camarote de boca da direita.

Uma de porte elevado, espaldas nuas, fronte alta, olhar desdenhoso...

A outra, de mediana estatura, delicada e franzina, trazendo no semblante pallido e nos olhos profundos uma expressão indefinível de tristeza e de energia.

Eram a condessa e sua filha.

Gontran concedeu apenas um olhar á mãe, e toda sua attenção se concentrou em Julieta.

— Então! disse-lhe Finard sorrindo-se; que acha?

— Admiravel! respondeu Gontran. Unicamente ha nella uma cousa que me impressionou logo.

— Que é?

— Não acha que Julieta d'Orvado é, quanto se pôde ser, parecida com a moça que o senhor perseguia hontem?

— Sim, com efeito! ha alguma semelhança.

— Diga antes que ha uma semelhança inaudita!

— Tem razão, talvez; mas devo confessar-lhe que, comquanto eu conheça Julieta ha dous annos, mal tenho olhado para ella.

— Porque?  
— Ella assusta-me.  
— Que idéa!  
— Oh! não é ella precisamente.  
— O que é então?

Nos labios de Finard assomou um singular sorriso.

— Olhe, disse elle sem mudar de attitude para não se fazer notar; em vez de ficar olhando para Julieta, dirija o seu binocolo para o fundo do camarote.

— E que hei de ver alli?

— Um homem.

— E quem é esse homem?

— Dir-lh'o-hei depois.

Gontran obedeceu machinalmente; apenas, porém, fez o que lhe aconselhavam, apertou convulsivamente o binocolo, prestes a escapar-lhe das mãos.

Acabava de reconhecer Polichinello.

— Que é isso? que tem? perguntou-lhe Finard.

— Nada... não é nada!... balbuciou Gontran... uma illusão... uma reminiscencia... uma cousa absurda...

— É uma exquisita personagem aquelle homem, não é exacto?... e até phantastico... A gente o vê intermitentemente; apparece, some-se, torna a appa recer... É inverosimil...

— Com effeito...

— Tornaremos a fallar a respeito delle... Acalme-se. Noto que a condessa adivinhou que nos ocupamos da sua pessoa, e ella não gosta que o façam... demais, ahí entra a Grisi... e este espectáculo vale bem o outro.

Gontran calou-se, mas a *Norma* naquelle momento inspirava-lhe mediocre interesse; apezar do convite que lhe faziam, elle permanecia abysmado em um pelago de idéas singulares, e entregue á mais viva curiosidade.

Entretanto, ao mesmo tempo em que aquella scena se passava no camarote de Finard, outra scena se dava no da condessa d'Orvado.

Tinha esta reparado na attenção de que era objecto por parte de Gontran, e o movimento de espanto deste ultimo, ao reconhecer Polichinello, não lhe escapará.

— Sr. Langlois, disse ella imediatamente, voltando-se para o fundo do camarote, conhece o moço que está alli defronte em companhia do Sr. Finard?

— Conheço, Sra. condessa, respondeu aquelle a quem se dirigia a pergunta.

— Elle está ha pouco tempo em Pariz?

— Desde hontem.

— Sabe como se chama?

— Chama-se Gontran.

— E... elle conheco-o?...

— Ceiámos juntos recentemente.

Um relampago luziu no olhar da condessa.

O Sr. Langlois se aproximára... inclinou-se ao ouvido della e baixou a voz:

— Não ha que receiar, continuou em tom claro e firme; aquelle moço se acha em poder do conde des Aiglades, e não é desse lado que está o perigo.

— Onde está então?

— Já uma vez lh'o disse: affirmava-se no presidio que ELLE não morrera!

— Elle!

— Suppõe que seja impossivel?

— No fim de contas, que me importa? Não ha quinze annos que deixou de existir? O senhor está louco, Langlois; e, em vez de me fallar de semelhantes absurdos, melhor faria se me dissesse quem é o personagem que occupa o camarote do proscenio, contiguo ao de Finard.

Langlois não respondeu e voltou-se para o ponto indicado.

O camarote designado parecia vasio.

A cortina estava corrida, e uma ou outra vez unicamente a mão de um homem, delicadamente enluvada, apoiava-se ao rebordo, ou um semblante austero, emoldurado em cabellos negros, se inclinava rapidamente para a sala.

A condessa sabia o nome de todos os espectadores presentes. Só aquelle lhe era estranho.

Langlois offereceu-se para ir indagar, durante o entre-acto.

Cinco minutos depois descia o panno, e elle, levantando-se, desceu e encaminhou-se para o camarote em questão.

Apenas, porém, se dispunha a interrogar a camaroteira, a porta do camarote se abriu por si mesma e uma voz no interior pronunciou distintamente o seu nome.

Elle ficou estupefacto e indiciso ao ouvir aquelle appello.

— Então! entre, meu caro Sr. Langlois, prosseguiu a voz; que diabo! ha uma hora que o estou observando no camarote da Sra. condessa d'Orvado, e esperava a sua visita.

Meio perturbado, meio curioso, Langlois penetrou no camarote, e achou-se em presensa de um homem vestido de preto, cujas feições a principio elle não distinguiu.

## IX

— Perdão, senhor, disse Langlois um tanto enleiado; parece-me que pronunciou o meu nome.

— Langlois... sem duvida; não é assim que se chama?

— Com effeito, é.

— A menos que tenha varios nomes.

— Como assim?

— E que eu me haja esquecido de chamal-o por aquelle que prefere.

— Mas, senhor...

O desconhecido offereceu uma cadeira ao seu interlocutor.

— Sente-se, Sr. Polichinello, accrescentou sorrindo-se; temos talvez que conversar... e não se dirá...

Ao nome de Polichinello, Langlois erguera a cabeça com uma especie de susto, e, deitando ruim olhar ao desconhecido, dera um passo para a porta.

O desconhecido preveniu-o. Com mão rapida apoderou-se-lhe do punho.

— Mas quem é o senhor? balbuciou Polichinello interdicto.

— Oh! podes tratar-me familiarmente por tu, se te não incomoda isso, respondeu o outro.

— Lorin?

— Eu mesmo!

— Aqui!

— Porque não? tu tambem aqui estás!

Langlois passou a mão pelos olhos, afim de certificar-se de que estava bem acordado.

— Como! tu? disse depois; tu, que eu deixei em Angers, depois do negocio com Gontran?

— Vês que não fiquei muito tempo desempregado.

— Em casa de quem estás?

— Não sei.

— Ao menos, teu amo é rico?

— Creio que sim.

— Como se chama?

— Barão de Lorsay.

— E donde vem elle?

— De Toulon.

Polichinello riu-se sardonicamente.

— Diabo! exclamou elle, é preciso abrir o olho: nem tudo que reluz é ouro... E deposito muito limitada confiança em um barão que vem de Toulon.

Lorin ia responder; mas os primeiros compassos do segundo acto da *Norma*, que se fizeram ouvir, chamaram os dous amigos á realidade da sitnação.

Polichinello dirigiu-se para a porta.

— Teu amo vai chegar, disse elle, eu me retiro; mas tornarei a vêr-te.

E ia sahir, quando Lorin o deteve.

— E' hoje, disse este ultimo, o banquete annual da instituição. Compareces?

— Que pergunta!

— Então até logo.

E desta vez Polichinello se afastou.

Era tempo.

Alguns passos adiante, se cruzou elle, na sombra do corredor, com um individuo de alta estatura, de rara elegancia de maneiras, trajado com supremo gosto, e que se dirigia para o camarote do prosce-neo que elle acabava de deixar.

Era o barão de Lorsay.

Polichinello teve apenas tempo de vêl-o; por mais rapido, porém, que fosse o olhar que o barão lhe lançou ao passar, esse olhar penetrou n'elle como a ponta acerada de um punhal.

— Homem singular! murmurou elle subindo á primeira ordem.

Por seu lado, tinha o barão de Lorsay entrado no seu camarote, e ao mesmo tempo que entregava a Lorin o chapéo:

— Quem é o individuo que acaba de sahir daqui? perguntou-lhe em tom incisivo, encarando-o friamente.

— O senhor barão viu-o? disse Lorin um tanto enleiado.

— Que faz elle?

— E' mordomo da Sra. condessa d'Orvado.

— Você conhece-o?

— Ha quasi dez annos.

O barão fez um gesto de approvação.

— Bem! disse elle; vejo com satisfação que você se conserva fiel aos seus amigos. De todas as cadeias que se carregam neste mundo, as da amizade são as mais respeitaveis.

Lorin inclinou-se, fazendo uma careta; talvez a palavra *cadeias*, de que o barão acabava de se servir, lhe houvesse soado desagradavelmente aos ouvidos.

O incidente não teve outras consequencias; o barão aproximou a sua poltrona para a frente do camarote, e pareceu desde então abandonar-se inteiramente ao prazer de vêr e ouvir.

Entretanto, no camarote ocupado por Gontran e Finard, aos quaes tinham-se reunido varios moços, frequentadores dos *Italianos*, dera-se um facto singular.

No entre-acto, Finard, acompanhado de Humberto, tinha ido comprimentar a condessa d'Orvado.

Gontran, ficando sózinho, e ainda sob a impressão que se apoderára de seu espirito, recuára para o fundo do camarote, e dalli, certo de que não era visto, continuára a assestar o seu binocolo para Julieta.

Aquella moça attrahia-o.

Parecia-lhe que a sombria pallidez daquelle semblante occultava algum mysterio; e depois, seria uma illusão? por varias vezes a moça voltára-se para o seu lado; e, fôsse accaso, fôsse premeditação, os seus olhares se haviam encontrado.

Demais,— elle proprio chamára a attenção de Finard para esse facto,— Julieta parecia-se com a mocinha que encontrára na vespera, e cuja lembrança estava ainda fresca e pura em seu coração.

Bastava isso para que elle sentisse grande prazer em olhar para Julieta d'Orvado.

Estava nesse ponto de suas reflexões, quando bateram á porta.

Elle levantou-se e foi abrir.

Suppunha que era a visita de alguns moços, amigos de Finard, e ficou admirado ao achar-se em presença de uma mulher.

— O Sr. Gontran? perguntou esta, olhando para elle com firmeza.

— Sou eu, respondeu o moço.

A mulher tirou do bolso um bilhete, que lhe entregou.

— Que significa isto? perguntou Gontran no auge da surpresa.

— Leia.

— Quem lhe entregou este bilhete?

— Pagaram-me para não dizer.

Gontran não fez mais objecções: tomou o bilhete e aproximou-o da luz afim de lê-lo.

Estava escrito a lapis e continha apenas estas palavras:

« Creia em tudo quanto lhe disser Francina. »

Que enigma era esse? E quem lhe dirigia semelhante bilhete?

Em vão pôz em tratos o espirito, e mil idéas, mil pensamentos vieram agital-o e perturbá-lo.

Pensou durante um momento em Julieta.

Qual o meio, porém, de acreditar que fôra ella?.... Julieta d'Orvado, com o cotovelo apoiado na

poltrona, escutava a peça com profunda attenção; não se voltou mais para o seu lado, e, quando o panno cahiu, ella se levantou, impassivel, e saiu do camarote como havia entrado, isto é, sem deitar um olhar para a sala.

Gontran tinha-lhe espreitado todos os movimentos, buscando com avidez um indicio, por mais fugaz que fosse, a que pudesse agarrar-se. Não viu cousa alguma.

Uma cousa, entretanto, lhe escapou, que houvera modificado singularmente a natureza de suas suspeitas.

Tinha sido rapida como o relampago.

Na occasião da saída, e quando as duas senhoras já estavam fóra do camarote, o conde des Aiglades se aproximára vivamente de Langlois e tomara-lhe o braço.

— Viste, não é verdade? disse o conde em voz calorosa e baixa.

— Vi, respondéra Langlois.

— Um bilhete?

— Justamente.

— Que continha esse bilhete?

— Ignoro-o.

— Bem! a todo o custo, estás ouvindo? a todo o custo, é necessário que eu o saiba.

Langlois inclinou-se, e sahiram.

## X

Meia hora depois, Julieta, tendo ordenado á criada que se retirasse, recolhera-se á cama, e, em vez de pedir ao sonno a calma de que necessitava, como o estava visivelmente demonstrando a fadiga de seu semblante, apoiou o cotovelo na almofada e pôz-se a reflectir.

Ficou durante muito tempo nessa attitude pensativa e de recolhimento, e por mais de uma vez, naquella scisma cujo objecto era um mysterio entre ella e Deus, um calafrio agitou-lhe os hombros, amargurado sorriso lhe franziu os labios.

Em que pensava ella aquella hora, e em que abysmo se afundava o seu pensamento?

Tinha dezeseis annos apenas, a sua vida não tivera senão caricias de māi.

Era o futuro que a amedrontava? Não seria antes o passado cujas sombrias perspectivas assustavam-n'a?

De repente estremeceu e prestou ouvidos.

A sua porta acabava de se entreabrir.

Em seu lugar, outra qualquer moça ter-se-hia assustado e houvera chamado por socorro.

Julieta limitou-se a deixar cahir a cabeça na almofada, fechou os olhos e esperou.

Dir-se-hia que não era a primeira vez que assistia á semelhante scena e que sabia o que se ia passar.

Decorreram alguns segundos.

Depois, tendo se aberto a porta inteiramente, os raios de uma luz mais viva espalharam-se no quarto e a condessa d'Orvado apareceu.

Com furtivo passo, deslisou, para bem dizer, no tapete, certificou-se, ao passar, que Julieta estava bem adormecida, e encaminhou-se para a chaminé.

Uma vez alli, a sua mão buscou uma mola invisivel,

que ficava occulta por traz de um retrato de familia, e quasi immediatamente sob aquella pressão a parede se abriu para dar-lhe passagem.

Uma ultima hesitação pareceu detê-la:olveu de novo os olhos para Julieta, e afinal transpôz a entrada e desapareceu.

Julieta levantou-se com precaução e pôz-se a escutar.

O coração batia-lhe quasi a ponto de saltar-lhe do peito, frio suor lhe orvalhava as fontes, ella sofreava a respiração ofegante para não se trahir.

Durou isto dez minutos, findos os quaes a condessa tornou a aparecer.

Estava pallida, e o coração tambem lhe pulsava com força.

Tornou a fechar sem ruido a porta secreta, fez desaparecer com o maior cuidado todo o vestigio de sua passagem e tomou, para se retirar, as mesmas cautellas que havia tomado para entrar.

Então tornou tudo a cahir em silencio e na escuridão, e Julieta, apertando a cabeça nas mãos:

— Meu Deus! meu Deus! murmurou, dando curso ás lagrimas e aos soluços.

Naquella idade, porém, as grandes magras são de curta duração.

Julieta estava exausta de fadiga. Na vespera estivera já acordada até muito tarde, e dentro em pouco, vencida pelo sonno, fechou os olhos, balbuciou algumas palavras sem nexo e acabou por adormecer.

Em quanto estes factos se passavam por aquelle lado, o barão de Lorsay mettera-se no seu coupé, ao sahir dos *Italianos*, e mandára tocar para o seu palacete.

Batia meia-noite quando elle chegou.

Saltou lestamente do carro, e dirigiu-se para o seu quarto de dormir.

Lorin tinha-o acompanhado e conservava-se prompto para executar as ordens que seu amo quizesse dar-lhe.

— Meu amigo, disse-lhe este ultimo, com uma ruga ironica no canto dos labios, está se fazendo tarde, e você pôde retirar-se. E' possivel, porém, que eu careça dos seus serviços, e peço-lhe que não se ausente esta noite.

— Esta noite!... balbuciou machinalmente Lorin.

— Isto desarranjaria os seus planos?... insistiu o barão.

— E' que...

— Oh! eu respeito os seus segredos, Sr. Lorin, e muito me affligiria descontentar os Marton da vizinhança; pôde sahir.

— Agradeço a sua bondade, Sr. barão.

— Sou bom para os servidores como você, Sr. Lorin, e além disso faço empenho em que os meus famulos honrem a minha casa. Aceite, portanto, alguns luizes, que lhe dou a titulo de gratificação, e recolha-se bem cedo.

(Continua no proximo numero.)